



HOMENS, MENINOS E MASCULINIDADES NA ESCOLA

Juliana Fonsêca de Almeida Gama (UFPE)

Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)

RESUMO

O que é ser homem na contemporaneidade? A partir de que referenciais são construídas e “atingidas” as masculinidades no contexto escolar contemporâneo? Estas foram questões que se colocaram durante um trabalho profissional desenvolvido em uma escola particular, na Paraíba, no ano de 2013. Partindo da construção do caso de um menino que queria ser “Shakira” e fazer xixi sentado, objetivamos discutir a relevância de se escutar e refletir, a partir da teoria de Butler e da psicanálise lacaniana, sobre os modos como os homens/meninos entendem e expressam suas identidades de gênero e ainda, sobre a forma como processam as imposições do imaginário social e constroem sua própria masculinidade. Na contemporaneidade vemos um meio e seus sujeitos às voltas com as noções restritivas de gênero que perpassam o imaginário social. Frente a esta realidade, a escola, enquanto espaço de ampla convivência deve considerar, firmando-se em referenciais não-hegemônicos, os diferentes modos como cada sujeito vive a sua “masculinidade” ou “feminilidade”. Nesse sentido, trazendo a perspectiva da dimensão relacional de gênero, discutimos como as masculinidades vêm sendo apresentadas e sedimentadas na escola e sobre a relevância de se pensar a abordagem das masculinidades nesse contexto.

Palavras-chave: Homens; Masculinidades; Contexto escolar; Gênero

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos os estudos sobre masculinidades foram adquirindo maior visibilidade na literatura científica brasileira. Refletindo sobre o percurso que tais estudos foram trilhando, vemos, ao nos depararmos com as produções acadêmicas, que foi apenas na década de 60 que se abriu um primeiro espaço para pensar, compreender e interpretar a dinâmica que envolve as relações entre o masculino e o feminino, e assim, as relações de gênero. Foi então neste tempo que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



os estudos sobre masculinidade ganharam, segundo Gomáriz (1992), uma maior ênfase. Apesar disso, Medrado; Lyra (2008) apontam que aqueles estudos que trazem as masculinidades como objeto de estudo propriamente dito tiveram início apenas no final da década de 1980. E apenas mais recentemente, a partir da segunda metade da década de 1990, é que teria começado a busca por sistematizar as produções já realizadas sobre homens e masculinidades.

Com este marco temporal, Beiras; Lago (2007) afirmam que ao se fazer um apanhado das publicações crescentes e mais recentes deste campo é possível perceber que muitos estudos vêm buscando discutir e compreender as angústias dos homens contemporâneos e como os valores atribuídos a eles afetam a constituição de suas subjetividades. E é seguindo esta mesma linha que desenvolvemos o presente artigo, norteando-nos, sobretudo, através das seguintes questões: “*O que é ser homem na contemporaneidade? A partir de que referenciais são construídas e ‘atingidas’ as masculinidades no contexto escolar contemporâneo?*”, para pensarmos as masculinidades que se apresentam e de que forma são processadas no contexto escolar.

Tais questões se colocaram durante um trabalho profissional de psicologia desenvolvido em uma escola particular do estado da Paraíba no ano de 2013, e atualmente, dão sustentação a uma pesquisa de mestrado sobre homens e masculinidades em desenvolvimento na UFPE, embora não estando esta última vinculada ao contexto escolar.

Neste artigo, em especial, o contexto escolar surgiu como elemento de relevância devido ao espaço em que o trabalho foi pensado e também por entendermos que ela, enquanto espaço de ampla convivência, precisa ser pensada no que se refere ao que tem proporcionado no âmbito dos estudos de gênero. Partimos, então, visando dar sustentação as nossas reflexões, de referenciais que tocam as Teorias de gênero, com destaque para a própria noção de gênero e de performatividade desenvolvida por Judith Butler. Consideramos, ainda, a Psicanálise, sobretudo, lacanianiana, pois esta, assim como a teoria de Butler, aponta para e trabalha com um mesmo ponto mutável, reflexivo, complexo e único, qual

realização:



APOIO:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





seja, o sujeito inserido no âmbito social, atravessado por trocas constantes entre ele e o meio, entre ele e outro, trocas estas às quais se somam questões pessoais, ou seja, os modos como subjetivam tais trocas. Compreendemos, pois, que as Teorias de gênero e a Psicanálise se encontram e podem colaborar entre si possibilitando análises profundas.

Com base nessa linha de pensamento buscamos analisar e desenvolver uma reflexão crítica sobre qual seria o possível papel ou o não-papel a ser desempenhado pela escola no tocante à construção das identidades de gênero dos alunos. Para fundamentar a discussão trazemos o caso de um menino, acompanhado durante o já mencionado trabalho realizado em uma escola particular no estado da Paraíba, que ao anunciar que gostaria de ser Shakira quando crescesse e que ao ir banheiro gostaria de fazer xixi sentado, foi obtendo um retorno repressor com relação à exposição dos seus desejos, fato que trouxe à tona alguns resultados a serem pensados.

A ideia inicial que motivou este artigo, portanto, além do caso mencionado, foi a compreensão de que a escola é, como aponta Auad (2004), um espaço de produção e reprodução de papéis sexuais que, por um lado, condizem com os estereótipos tradicionais e dicotômicos acerca do masculino e do feminino, como vemos ser posto em grande parte das atividades propostas na escola, bem como por parte de alguns profissionais que se posicionam diante dos alunos tomando por base o modelo hegemônico¹ do “ser homem” e “ser mulher”. Mas, por outro lado, a escola surge também como um espaço onde se constroem novos, diversos e alternativos modelos de exercício de masculinidades e de feminilidades, que escapam à lógica hegemônica, trazendo possibilidades e pondo em xeque qualquer obrigatoriedade e engessamento dos sujeitos.

¹ A noção de “hegemônico” nesse contexto é uma denominação que foi cunhada pela cientista social australiana, R. Connel. Esta denominação parte da compreensão de que haveria, em cada cultura, um padrão de práticas que determinam o ideal social de masculinidade, a exemplo da noção de dominação dos homens sobre as mulheres na cultura ocidental. O modelo hegemônico é tido, portanto, como o “normal” da masculinidade que, como uma noção arraigada, reflete a ideia de características “naturais”.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Na escola, então, mas também em muitos outros espaços, é possível ver, perceber e conviver com masculinidades que confrontam os padrões fixos e determinantes do comportamento e, assim, as representações do que era e do que parece “ser homem” para a sociedade ocidental. Nesse sentido, apoiamo-nos em Connell (1995, p.189) que afirma que “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social”. Sendo assim, para a autora a masculinidade é uma construção social, o que não permite que exista apenas uma masculinidade na sociedade, mas *masculinidades*, convocando o uso deste termo no plural.

Segundo Connell apud Beiras (2007), diferentes masculinidades são produzidas ao mesmo tempo, diante de um complexo processo que envolve uma negociação ativa em relações sociais múltiplas. Neste ponto, de forma complementar, pensamos junto com Butler (2003) que, para além de uma esfera estritamente social, é preciso pensar no que cada sujeito faz com aquilo que lhe é ofertado. Antes de ser cultural, social, biológico ou psíquico, pensemos nas relações de poder e nos efeitos dessa lógica relacional que carrega em si o peso de cada um desses elementos.

Desenvolvendo um pouco a noção de gênero butleriana, portanto, posicionamo-nos aqui frente à ideia de que ele é politicamente construído, assim como os limites dos corpos. E, assim sendo, é envolto por discursos que silenciam aquilo que buscam delimitar, fazendo existir e aparecer um cenário de poder nas relações de modo geral. Para Butler, então, o indivíduo, o corpo e o gênero estariam, como efeitos do poder, representados por instituições, categorias, pela linguagem, que lhes dão sentido e que permitem entender o outro.

Apesar dessas categorias e engessamentos propostos pelo poder, contudo, a questão é que há sempre algo que escapa a essas determinações e conduzem às limitações daquilo que busca conter o humano, que busca conter os gêneros, findando por segregar, excluir e, por que não dizer, agredir o que escapa. Butler coloca em *Problemas de gênero* (2003) que os gêneros não podem “ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados” (p.201). Ao mesmo tempo não sendo esses atributos, mas portando-os, eles podem ser “incríveis” (p.201),

REALIZAÇÃO:



APOIO:



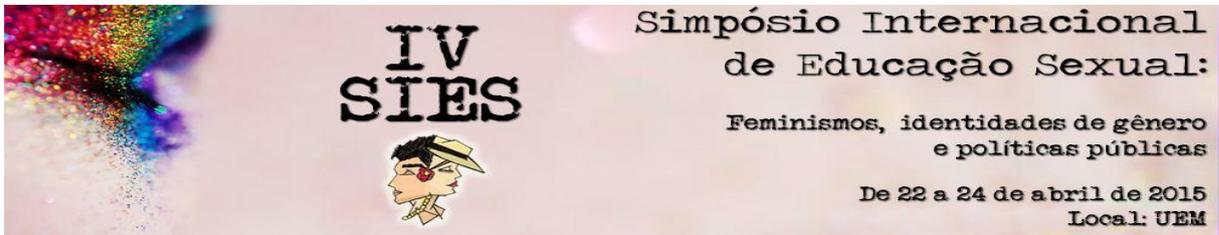
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



PATROCÍNIO:



PlayBook



trazendo aí a ambiguidade do termo, na possibilidade de superar as próprias possibilidades, mas também como algo não-crível.

Neste ponto vamos ao encontro da psicanálise e a noção central de Inconsciente que, em Lacan, compreendendo-o como mais do que o oposto a consciência, é tomado como *estruturado como uma linguagem*. Com esta colocação, Lacan (2008, p.27), ratifica o conceito de sujeito como aquele submetido à linguagem e fornece ao Inconsciente um significado que é único: um estatuto de conceito, como algo que já traz em si alguma coisa de anticonceitual, já que entre o conceito e a coisa conceituada há um espaço, certa hiância, certa distorção.

O Inconsciente, então, passa aqui a ser trabalhado em sua descontinuidade característica, da ordem do irreduzível, para o que não há cura, apenas possibilidades. O conceito de Inconsciente é evidenciado, pois, não como uma regularidade, mas como alguma coisa que descontinuamente quer se realizar, assim como a noção de gênero butleriana, segundo a qual não se escolhe o próprio gênero, mas se produz em um devir constante, não-fixo e sempre em referência a um outro, trazendo algo que falha e não apenas reproduz, marcando o estranhamento e o único.

Nesse sentido, portanto, atentamos para as transformações que certamente ocorreram tanto no âmbito social, quanto cultural ao longo da história e que possibilitaram o espaço que a temática “homens e masculinidades” vem adquirindo nas pesquisas, mas também para as esferas individual e relacional, atravessadas por aquilo que falha e diz de um *Íntimo de gênero* indizível.

É por esse caráter flexível evidenciado nas transformações históricas e pela circulação psíquica, que concordamos com Lyra (2008) quando aponta que, as definições de masculinidade estão mudando constantemente, sobretudo por não ser a masculinidade um código genético, ou algo que flutua em uma corrente do inconsciente coletivo, mas algo que é subjetivado por cada um.

Diante disso, visamos, entrelaçando as reflexões em cima do caso supramencionado e a partir da base teórica ora mencionada, a construção de um pensamento que compreenda a relevância de se escutar e refletir sobre os modos

REALIZAÇÃO:



APOIO:



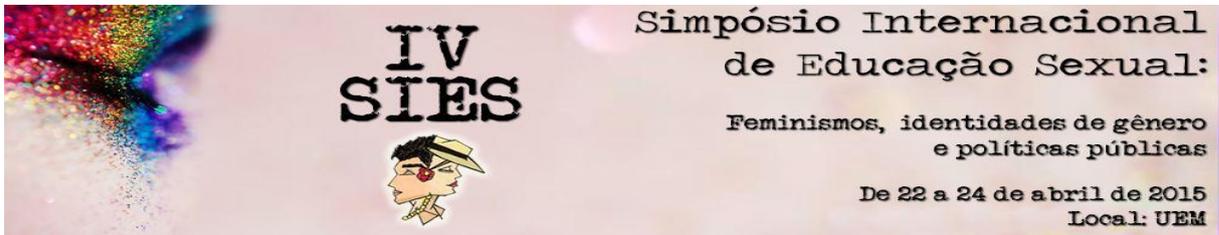
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



PATROCÍNIO:



PlayBook



como os homens/meninos entendem e expressam suas identidades de gênero e ainda, sobre a forma como processam as imposições do imaginário social e constroem sua própria masculinidade. Isso, claramente, considerando as expressões como performances, que embora sejam ofertadas ao outro e, de certa forma, sejam uma representação deste, carregam consigo algo íntimo e, assim, pulsional, que mesmo em relação a um outro, surge no sentido de um traço unário².

Diante dessas considerações, destacamos que falar sobre masculinidades é uma tarefa, antes de tudo, complexa, uma vez que, como aponta Lyra (2008), investigar este tema “significa não apenas apreender e analisar os sentidos disponíveis sobre o masculino no imaginário, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos”, ou seja, a possibilidade de pensar as próprias possibilidades.

2. CASO

João³ tinha apenas 4 anos quando foi matriculado por seus pais em uma escola particular do bairro onde moravam. Ao longo dos anos, a equipe escolar que sempre se colocava próxima às famílias por se pautar na filosofia de que estas devem fazer parte da escola, foi se aproximando e conhecendo um pouco da história dele. Segundo constava no registro escolar de João, ele havia sido adotado. De forma mais específica, João fora deixado na porta dos seus pais e sua mãe biológica supostamente moraria próximo a sua residência, fato que deixava sua mãe adotiva angustiada.

Ao longo dos seus primeiros anos na escola, João se mostrou, segundo as professoras e a coordenadora, uma criança disponível às atividades, inteligente e comunicativa, fato que, para elas, mudou após alguns episódios. Conforme as profissionais em questão, quando João tinha 6 anos foi proposto aos alunos uma

² Conceito lacaniano que diz respeito a certa marca primordial da constituição do sujeito, um traço distintivo, de pura diferença, único e intraduzível.

³ Utilizamos para a descrição do caso nomes fictícios afim de preservar todos os sujeitos em questão. Optamos por preservar também o nome da escola e a série cursada pelo aluno.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



atividade sobre as profissões intitulada “Quando eu crescer eu quero ser...”. Durante essa atividade, segundo os relatos, as meninas responderam com profissões como professora, modelo, médica, médica veterinária, cantora e os meninos responderam profissões como bombeiro, policial, jogador de futebol, juiz, piloto. A resposta dada por João surpreendeu a todos. Ele disse: “Quando eu crescer, quero ser a Shakira”.

Tal resposta causou impacto e surpresa, de forma que o primeiro pensamento foi uma questão – “O que dizer e o que fazer?”. Nesta cena, entrou a coordenadora que disse ter tentado explicar de imediato a todas as crianças que aquilo não era uma profissão, citando uma lista de atividades que o aluno poderia escolher. Além disso, pediu ao aluno que não dissesse mais isso, porque as pessoas não entenderiam e não iriam gostar.

Antes de prosseguir é preciso esclarecer um pouco sobre o espaço. Nas salas da Educação Infantil conta-se, de forma geral, com um banheiro dentro da própria sala de aula, de forma a tornar mais fácil para as professoras acompanhar os alunos até o banheiro, auxiliá-los e permanecer em contato com os demais. Nesse contexto, João precisou ir ao banheiro e, acompanhado pela professora, sentou-se para fazer xixi. Desapercebida, a professora contou que pensou que ele havia ido ao banheiro para fazer cocô, o que não havia sido o caso. A partir de, então, surgiu um outro “problema” – “Como lidar com o desejo dele de fazer xixi sentado se ele é um menino?”

Depois João pediu novamente para ir ao banheiro e foi acompanhado por sua professora, que logo se antecipou e explicou a ele que “Homem faz xixi em pé, vamos tentar?”. Diante da recusa do aluno, a professora convocou a coordenadora para saber como proceder. A intervenção feita junto a João pautou-se no esclarecimento sobre as diferenças entre os sexos, entre meninos e meninas, tomando como referências, cores, corpos, gestos, cabelos e brinquedos. Inconformado, João disse ainda querer fazer xixi sentado. Com a ratificação do seu desejo, João foi punido ficando sem intervalo.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Logo após esses fatos, adentrei para trabalhar na escola e me foi relatado o que descrevi aqui. Nas primeiras semanas de trabalho não vi João. Certo dia, vi uma criança chorando e dizendo estar sendo injustiçada. Ao me aproximar dela, contei com a aproximação também da coordenação, ao que me foi dito: *“Ah, ele é um problema mesmo. Menino, você só faz confusão. E ainda é mentiroso”*. Este primeiro encontro foi seguido de muitos outros que contavam com um “encaminhamento ao acompanhamento psicológico escolar” e de uma ideia de que ele tinha que ser enquadrado.

As queixas ligadas a João eram de humilhação aos colegas, sobretudo, das meninas, apontando os seios, a magreza ou a obesidade, a maquiagem e o cabelo delas, chegando a agredi-las fisicamente em alguns episódios. Além disso, João passava entre as meninas espalhando os brinquedos e rindo das “besteiras” que elas faziam. Em contraponto, durante o intervalo ou quando na saída, após atitudes como estas, João sentava-se de longe, ficava observando a dinâmica das brincadeiras femininas e gesticulando reservadamente como se brincasse também.

Repreendido inúmeras vezes por seu comportamento, João passou a ser cada vez mais encaminhado para “conversar com a psicóloga”. Durante alguns encontros, João relatou que tudo o que se passava eram injustiças, as pessoas não sabiam a verdade, não sabiam dele e do que os outros faziam com ele. Em um determinado momento afirmou: *“Você também não sabe de mim, você não sabe de nada. E por que você se importa comigo?”*. Sinalizei, então, embora não tenha sido um trabalho clínico, que estava ali para escutá-lo, não mais para repreender. João, então, começou a falar que gostaria de matar a coordenadora, e chorando disse que ninguém o aceitava como ele era.

João optou por não seguir falando e foi respeitado.

Durante esses encontros com João, os pais foram convidados a comparecer na escola. Paralelamente, outros pais pediram para que ele fosse expulso por ser agressivo e afeminado. Sobre o encontro com os pais, o pai de João nunca se dispôs a comparecer. A mãe, por sua vez, anunciava a cada encontro *“eu não sei o*

Realização:



Apoio:

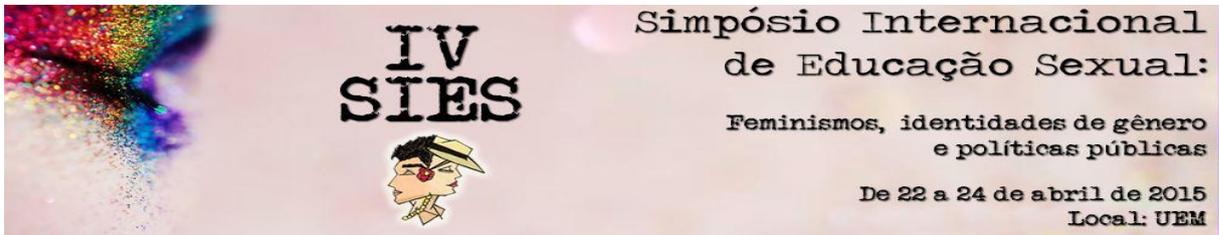


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





que fazer”. Frente a essa posiçao ela foi convocada a produzir um saber sobre o seu filho, dando a ele um lugar dentro da familia e dentro do seu desejo. Antes de destacar sua impotencia, a mae de Joao foi convidada a pensar um pouco mais sobre o seu filho e a nao mais poer a adocao como justificativa para as agressoes dele.

Sentindo-se sem um lugar, segundo a mae, Joao quando estava em casa dizia querer ir para escola, porque so la ele se sentia bem. Quando na escola, poroem, logo ele pedia para ir para casa, pois la ele era compreendido. Dada a impossibilidade de proceder um atendimento clinico no contexto escolar, Joao e sua mae foram encaminhados a um acompanhamento terapeutico fora da escola. Neste tempo, fora tambem negociada a permanencia de Joao na escola, contudo com uma mudanca de turno.

Aos poucos, Joao mostrou-se menos agressivo. E o espaçamento desses atos foi dando lugar novamente a expressao de seus desejos de usar um uniforme escolar mais justo, levar seu boneco para interagir com as bonecas das meninas e ajudalas a escolher a cor do esmalte mais bonito.

Quando do termino de minhas atividades junto a escola, Joao ainda estava em acompanhamento terapeutico. Para a equipe escolar preparei um material pautado na discussao da diversidade, da relevancia da escuta e do respeito ao proximo, podendo ser ele um aluno da Educaçao Infantil com desejos legitimos ou um adulto. A questao que ficou foi “O que e querer ser a Shakira e fazer xixi sentado?”. Que referenciais foram utilizados para barrar o aluno em suas experiencias e desejos?

3. RESULTADOS E DISCUSSOES

Tomando a historia dos homens no mundo ocidental e em especial a historia dos homens no Brasil, ve-se que o percurso das masculinidades vem acompanhado por signos e simbolos construidos socio-culturalmente, que vem determinando o que e ser homem e o que e ser mulher e afetando a vida dos sujeitos.



APRETO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educaçao



FALTOCINHO





Tais noções construídas ao longo da história trazem os homens e a masculinidade como algo natural, necessariamente vinculada ao sexo e à ideia de virilidade e força. Aqui, contudo, a consideramos não como de caráter natural, mas sim como um contorno construído, que nos leva ao encontro de uma história plural, na qual a masculinidade representa uma “variável edificada de acordo com as diferentes temporalidades, áreas geográficas, diferenças de classe, religião e orientação sexual de cada um” (PRIORE; AMANTINO, 2013, p.10). Somando-se a estes diversos fatores, como destacamos, há também sempre aquilo que é de cada um, ou seja, o resultado do modo como cada sujeito subjetivo o que lhe é ofertado.

Dessa forma, o masculino, assim como o feminino, deve ser considerado como um aspecto que não se reduz ao corpo e às marcas de diferenciação do sexo, antes, ele assume um caráter de fluidez, não necessariamente binário, heterossexual, oposicional. Mas sim, pautado nos diferentes modos como cada sujeito vive a sua “masculinidade” ou “feminilidade”.

Acreditamos, assim, que “masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres” (ALMEIDA, 2008, p.2). Dessa forma, se pode e assim pretendemos, falar de várias masculinidades e de possibilidades de construção de gênero e de identidades.

Em consonância com essas colocações e junto ao contexto contemporâneo e suas demandas imediatistas, entendemos que a proposta deste artigo vai ao encontro das possibilidades de processos de subjetivação e as diversas masculinidades que contornam e caracterizam cada sujeito. Sobre os modos de subjetivação convém esclarecer que os compreendemos como a forma através da qual cada sujeito reflete, delinea e maneja suas questões em sua própria singularidade, ou seja, como os modos através dos quais são compostas as maneiras de existir dos sujeitos. Segundo Mansano (2009, p.113), tais modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, cooperando para

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





produzir formas de vida e de organização social diferenciadas, flexíveis e em constante transformação.

Partindo disso, e agora tomando o caso e nosso referencial teórico, temos que Butler (2013, p.200) coloca que gênero deve ser usado para desconstruir gênero, para acabarmos com a ideia de uma essência de gênero, como se houvesse por trás do masculino e do feminino uma essência que seria, em última instância, anatômica. Assim sendo, o gênero surge aqui mais como um interrogador das limitações impostas aos corpos-gênero. Isso, então, parece ter sido o que aconteceu com João. A partir de uma perspectiva essencialista, o seu corpo e o seu desejo foram tomados, em uma tentativa compulsória de adequá-lo ao “logicamente” instituído como normal e natural do sexo, segundo a anatomia.

É aí que vemos claramente a relevância dos contextos em que circulamos. Segundo Menezes (2008, p.51), a construção social do gênero ocorre na vivência cotidiana que envolve família, escola, rua, vizinhança, igreja e demais instituições sociais. Nesses espaços, meninos e meninas aprendem e internalizam modos de ser considerados próprios ao seu “gênero”, como se ali não fossem possíveis escapes, diferenças ou transformações.

Ainda conforme Menezes (2008, p.55), nos últimos anos, diversos trabalhos têm sido produzidos na área de Educação, dedicados ao estudo das relações de gênero. Algumas autoras, como M^a Eulina Carvalho, Sarah Whitelaw e Montserrat Moreno, segundo ela, apontam que, na instituição escolar, “perpetuam-se o reforço e a legitimação das desigualdades de gênero, ou seja, a escola sanciona a educação diferenciada que meninos e meninas recebem tanto na família como em outras instituições sociais”.

Não adentrando no âmbito da educação ofertada a meninos e meninas, mas tomando a ideia de que “perpetuam-se o reforço e a legitimação das desigualdades de gênero”, pensamos o caso de João. Nesse caso, parece ter havido uma intervenção em seu desejo sob uma ótica essencialista, pautada em uma ideia de “masculinidade hegemônica”, anulando as possibilidades de manifestação de gênero

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



e considerando-o como errado, o que fica evidente nos encaminhamentos ligados a solicitações de enquadramento do aluno.

Mas é possível o adestramento de gênero? Um corpo corrigível? Para Butler e sua teoria do ato performativo, segundo Porchat (2014, p.87), “o gênero é um ato”, que encena significações já estabelecidas socialmente e que fundam e consolidam o sujeito”. O gênero ou o convencionalmente instituído por masculino e feminino é, portanto, sempre uma repetição, uma citação daquilo que é baseado em ideias prontas do que é masculino e do que é feminino. É esse convencional que cria o campo a inteligibilidade, baseado em uma heterossexualidade compulsória, que supostamente permite que entendamos uns aos outros.

Contudo, Butler põe em pauta que, sendo gênero um ato performativo, ele não é, portanto, algo ontológico. O gênero não está, portanto, vinculado à anatomia. Não sendo anatômico e sendo atravessado pela subjetivação há sempre a possibilidade do que Porchat (2014, p.88) coloca como *repetição subversiva* ou *transformadora*.

Daí a relevância de se pensar que um lugar possível para a escola, enquanto um outro, enquanto alteridade, é o lugar de não-saber, lugar este posto pela teoria lacaniana. À escola, então, poderia caber o lugar de *saber não saber*. De apresentar, enquanto instituição e enquanto linguagem, a ordem em a que sociedade está preestabelecida, mas compreender, apesar disso, que não existe um modelo universal de masculinidade válido para todos os tempos e lugares, pois, como coloca Garcia apud Menezes (2008, p.51), “tanto a masculinidade quanto a feminilidade, enquanto construções sociais, são históricas, mutáveis e relacionais”. Não podemos ver, portanto, a masculinidade como um objeto isolado, mas sim como um aspecto de algo mais amplo.

4. CONCLUSÃO

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Pensando em tudo o que foi discutido, é importante assinalar que nossa compreensão final perpassa a ideia de que cada sujeito é único e precisa ser escutado e ser tomado como o próprio referencial.

Uma questão que ficou para nós foi: “*O que é querer ser Shakira e fazer xixi sentado?*”. Será que havia de fato uma questão de gênero, de desejo, de curiosidade, de conforto ou de ludicidade? Não sabemos, João não foi escutado no momento da expressão; antes, ele foi regulado e convocado a uma “ordem social”, para a qual não existem muitas expressões e caminhos possíveis para as posições e/ou lugares de sujeito masculinos e femininos.

Talvez seja como consequência desse “não lugar” advindo de uma lógica ontológica não-lógica, que vemos, no contexto contemporâneo, um meio e seus sujeitos às voltas com essas noções restritivas de gênero.

Pensando sobre a escola, ficam ainda mais questões. Apenas incluir a problemática de gênero no currículo formal achamos que não será o suficiente para superar as questões de gênero que a circulam, afinal estamos falando e nos relacionando com sujeitos – alunos e alunas, professores e professoras, pais e mães, imbuídos de suas próprias concepções de gênero. O que se faz necessário é se dispor a pensar.

O entendimento deveria passar, então, pela noção de que não se trata de uma divisão bio logicamente estabelecida, mas de subjetividades que circulam e que vão além do corpo, ou que o perpassam enquanto corpo material. E aqui entra a escola, enquanto um lugar que não pode prosseguir firmando-se em referenciais hegemônicos, mas que deve reconhecer os diferentes modos como cada sujeito vive a sua “masculinidade” ou “feminilidade”.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.165.

Realização:



Apoio:

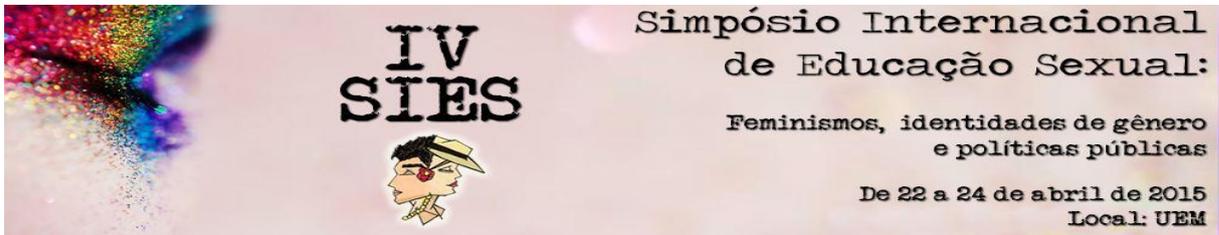


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





AUAD, D. **Escola, masculinidade e feminilidade: assimilação e resistência de meninos e meninas aos papéis sexuais.** Tese de doutorado – Programa de Pós Graduação em educação da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2004.

BEIRAS, A. **A negociação de sentidos sobre masculinidades e paternidades em contextos populares de Florianópolis.** Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Florianópolis, 2007. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90787/242933.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 30 mar. 2015.

BEIRAS, A.; LAGO, M. C. S. **Os encontros e desencontros entre o ser homem e o ser pai em sujeitos de camadas populares de Florianópolis.** 2007. Disponível em <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_204.pdf> Acesso em 30 mar. 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

CONNELL, Robert. W. **Masculinities.** Berkeley: University of California Press, 1995.

GOMÁRIZ, E. “Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas”. In: RODRÍGUES, R. **Fin de siglo: genero y cambio civilizatorio.** Santiago: Isis International, 1992. p. 83-110.

LACAN, Jacques. O Inconsciente e a repetição. In: **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ed, 2008, p. 24-47.

LYRA, J. L. F. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006).** Recife: J. L. C. L. da Fonseca, 2008, 262 p. Disponível em <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciict/3896/2/000018.pdf>> Acesso em 15 jul. 2014.

MANSANO, S. R.V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de psicologia da UNESP**, 2009, v. 8, p. 110-117. Disponível em <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>> Acesso em 05 abr. 2014.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, 2008; v. 16, p.20-35. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf>> Acesso em: 24/03/2010.

MENEZES, C. S. **As masculinidades na escola: histórias e memórias da escolarização de alunos da educação de jovens e adultos da rede municipal de**

Realização:



Apoio:

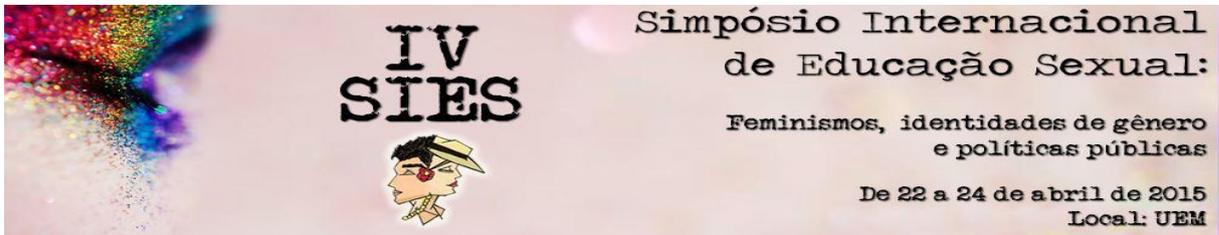


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





João Pessoa. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal da Paraíba, 2008. Disponível em <http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert08/CRISTIANE%20SOUZA%20ME NEZES/As%20masculinidades%20na%20escola_hist%f3rias%20e%20mem%f3rias %20da%20escolariza%e7%e3o%20de%20alunos%20da%20EJA%20da%20rede%20municipal%20de%20Jo%e3o%20Pessoa.pdf> Acesso em 30 mar. 2015.

PORCHAT, P. Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá, 2014, p.77-116.

PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.) História dos homens no Brasil. São Paulo: Unesp, 2013.

ABSTRACT

What is a man in contemporary society? From that references are built and "affected" masculinities in contemporary school context? These were issues raised during a professional work at a private school in Paraíba, in 2013. Based on the construction of the case of a boy who wanted to be Shakira and pee seated, we aimed to discuss the importance of listening and reflect on the ways in which men / boys understand and express their gender identities and also on how they process the impositions of the social imaginary and build their own masculinity. In contemporary times we see an atmosphere and its individuals grappling with the restrictive notions of gender that permeate the social imaginary. Facing this reality, the school, as an area of wide conviviality should consider firming up in non-hegemonic references, the different ways each individual lives his "masculinity" or "femininity". In this sense, by bringing the perspective of the relational dimension of gender, we discuss how masculinities has been submitted and sedimented at school and on the relevance of considering the approach of masculinity in this context.

Keywords: Men; Masculinities; School context; Gender.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook